

TIRADENTES

OU

AMOR E ODIO

DRAMA HISTORICO EM 3 ACTOS

ORIGINAL BRASILEIRO

POR

José Ricardo Pires de Almeida.



S. PAULO.

TYP. IMPARCIAL DE J. R. A. MARQUES

Rua do Rozario N.º 49.

1861.

A'

MINHA MÃY

LUÍZA PIRES

DEDICO E CONSAGRO.



Minha mãy: desde que me conheço tive a felicidade de possuir o teu carinho, tu'alma se prendeo á minha, meu pensamento se unio á tua memoria. A's vezes lerás á frente do meu drama o teu nome, quero que nossos nomes formem o mesmo laço que formão nossas almas. Aceita sincera esta mesquinha prova de amor filial e sê benevola em perdoar-me a ousadia.



A
MEU PADRINHO E PROTECTOR
JOSE PEREIRA DE ALMEIDA

OFFEREÇO
EM PROVA DE GRATIDÃO.



Meu padrinho e protector: os beneficios que desde a mais tenra infancia prodigalisaste ao filho do muribundo, a quem tu mesmo fechaste os olhos pronunciando o doce nome de amigo, não deverião ser contribuidos com este filho enfesado de uma imaginação que embalde tentaste cultivar-a, mas favores ha que não se pagão com a propria vida, recompensas ha que não teem expressão na lingua humana. Assim, se a offerta é mesquinha, acccita, ao menos a boa vontade que, me elevando até a tí, annivela os teus beneficios á minha dedicação.



SIRVA DE PROLOGO.

MEU CARO AMIGO.

Pedes a minha opinião sobre o teu drama. É-me bem difficil satisfazer-te. As nossas opiniões são differentes, e não posso crer que houvesse outro movel, que te guiasse nesse pedido senão a sincera amizade, que nos liga, mas não o meu merito. Muito embora, dirci o que penso, e o publico, que o decida. São só duas palavras, e... começarei pelo titulo.

Um titulo indica sempre o conteúdo n'uma peça litteraria, e no teu drama eu noto uma lacuna, que implica impossibilidade de um titulo; é o que imos provar.

Qual é o assumpto do teu drama? Será o facto historico d'uma conspiração, que não foi realisada? Será a rivalidade entre duas mulheres, que amam loucamente á um homem, ignorando-se até o fim que d'ellas uma é mãe, e outra filha, e sabendo-se-o então porque uma vingança tinha de ser cumprida?

Dize-m'o.

Se é facto historico, como pareces quere-lo pelo desenlace com que findas a tua composição, porque se não, nunca, estou bem certo

d'isso, farias morrer no cadafalso, subir ao patibulo, um martyr, que tão heroicamente pedia pela liberdade de sua patria, se é o facto historico, repito, a unica importancia real, que tem, é ser historico, e mais nada.

Não é pouco me dirás tu. Pois bem, compara e verás. A rivalidade da Marqueza e de Estella, que tanto apparece no teu drama, não é de se esquecer; a importancia d'um episodio não consiste na sua authenticidade; o historico póde não existir, e ser feito o drama com todas as regras da arte. Na luta entre estas duas mulheres, cu vejo bonitos estudos, tu a fazes cessar no fim do drama; uma mãe não póde ser a rival de sua filha; o espectador ficará suspenso até o fim para saber quem é a vencedôra, e dar-lhe os emboras. Não é tudo. Silverio queria vingar-se; o ultimo recurso de que podia lançar mão, era declarar que a Marqueza era mãe de Estella; fe-lo, mas ainda uma vez a innocencia da virtude triumphou sobre a perversidade do crime, e a Marqueza salva a Estella, sua filha com um antidoto, que tinha do veneno, que ha pouco lhe havia dado para vingar-se. Quantos pontos de moral!

Assim, pois, julgo que no teu drama falta a unidade de acção; esta ali é dupla, e esse defeito leva-nos á impossibilidade de um titulo.

Agora eu juntarei mais algumas reflexões: não é uma critica, como se costuma dizer, já t'o aviso, não porque não saiba que contias

em extremo na amizade, que te tenho, mas porque não tenho habilitações para tanto; estou pouco acostumado a estudar dramas, não gosto mesmo d'elles, e só ultimamente é que, como sabes, tenho lido alguns.

Vejamos o teu drama.

Tens um primeiro typo: é Silva Xavier, uma d'essas almas de brasileiro, com o fogo da mocidade, cheio de dedicação pela sua patria, e firme nas suas crenças; o character de Xavier, sem duvida o primeiro personagem do teu drama, ahi se acha bem pintado. Quando falla do seu Brasil calcado infame-mente aos pés pelos infames portuguezes, Xavier mostra sensivelmente a dôr que o faz soffrer; então a sua alma heroica espera em si e em Deos! E' a conspiração, que elle trama, e que teria porventura realizado os seus fins, se o perfido Silverio dos Reis para vingar-se não o tivesse denunciado.

Foste feliz neste ponto, meu caro amigo. Silva Xavier ama loucamente a Estella, e é amado igualmente por essa alma pura e candida, foste tambem feliz descrevendo o typo d'Estella; é uma morena brasileira, e basta; em alguns pontos sobre-sahe a sua ingenuidade.

A Marqueza, outro typo do teu drama, tem por Xavier uma viva paixão, e, porém, por elle desprezada, e escarnecida. O amor se transforma em odio, transformação álias facil-lima nas mulheres, e seguia-se a vingança.

Já Silverio dos Reis havido mostrado que

Xavier era o chefe d'uma conspiração sobre a qual já havia boatos. Faltavam as provas para o Visconde de Barbacena, e a Marqueza não trepida; a occasião era opportuna, e ella soube aproveitar-se.

Lembrou-se d'Estella, tendo-a educado desde pequena como sua filha, sem saber que na realidade o era, a Marqueza esqueceo-se de tudo, e o ciúme transfigurando a amizade por Estella em odio profundo, ella persuadio-a que subtrahisse uma carteira que Xavier trazia comsigo na occasião da despedida, pois elle partia para o Rio de Janeiro. Abusou assim da innocencia virginal, e Estella pactuou; era para salva-lo, assim lh'o disseram, e ella amava-o. Segue-se agora a vingança de Silverio; é o que já dice acima. Mas o que sinto é que morra Xavier! que morresse ou não a Marqueza não nos importa, mas Xavier? o patibulo não devia ser o premio de tanta heroicidade.

Será historico, mas será igualmente moral? Entendo que não. Muitas vezes a humanidade marcha de encontro com os preceitos moraes. Eu sou de opinião que de taes assumptos não se devia fazer dramas, e é por isso que o principal defeito do teu trabalho é ser historico. O drama quer o deve sempre desenvolver uma these de moral; esta quer o vicio castigado, e a virtude premiada, e será crime não querer-se ser escravo? como então morre Xavier. É historico e mais nada.

Estes defeitos não se terião apresentado, se por acaso tivesses fantasiado o facto.

Não desanimes, porém, mostras bastante intelligencia, e deves continuar na certeza de que terás um nome.

E' o que te póde dizer o

Teo Amigo

Aureliano de Souza e Oliveira.



ARGUMENTO.

Joaquim José da Silva Xavier, attribulado pela oppressão, que pesava sobre o povo de Minas-Geraes, tenta libertar a sua provincia predilecta; foi infeliz na sua tentativa. Silverio dos Reis, um dos conspiradores, é o denunciante; elle ambicionava o lugar, que á Silva Xavier competia, e não o podendo conseguir, procurou vingar-se. Estella, filha da Marqueza de**** com o Visconde de Barbacena, havia sido educada com o esmero possível. A Marqueza, porém, não sabia que educava a sua propria filha. Estella era julgada perdida.

A Marqueza de**** loucamente apaixonada por Silva Xavier, era por elle desprezada; o amor se transforma em odio, e uma nova vingança apparece; o ciume que a Marqueza tem de Estella tudo cauza.

Silva Xavier, que em breve partirá para o Rio de Janeiro para adquirir proselytos, vai abraçar Estella, em despedida, e ouvir palavras d'amor, que o animem na arriscada empreza.

A innocente Estella, illudida pelo Visconde,

XVI

e pela Marqueza, subtrahe-lhe do bolso uma carteira, que continha os papeis concernentes á conspiração; as suspeitas tornaram-se certeza, e a prisão era immediata, e depois a morte.

Estava cumprida parte da vingança, que Silverio dos Reis havia concebido, faltava a outra. A Marqueza não sabia que Estella era sua filha, Silverio o declara; então a Marqueza que havia dito que viessem todos pois assistiriam ao ultimo suspiro d'Estella, sente o mais vivo arrependimento, e salva a Estella, sua filha, com um antidoto, que tinha, do veneno que ha pouco havia dado para vingar-se.

Uma mãe não podia ser a rival de sua filha, a innocencia triumphava sobre a perversidade; Estella estava salva, mas o pobre e infeliz amante havia entregado a sua alma á Deos, e a Marqueza ao demo.

PERSONAGENS.

JOAQUIM JOSE' DA SILVA XAVIER, alcunhado o Tiradentes, conspirador-mór.

JOAQUIM SILVERIO DOS REIS, conspirador.

FRANCISCO DE PAULA FREIRE E ANDRADE, commandante da tropa de linha.

VISCONDE DE BARBACENA, Vice-Governador de Minas-Geraes.

A MARQUEZA DE***

ESTELIA.

MINELVINA.

A acção do primeiro e segundo passa-se em Villa-Rica, em Minas, a do terceiro na Cidade do Rio de Janeiro. Epocha : 1786—1794.

DIVISÃO EM ACTOS.

1.º ACTO,—Amor.

2.º ACTO,—Ódio.

3.º ACTO,—Cadafalso.

ACTO I.

AMOR.

Uma sala principal no palacete da Marqueza. Ricos candelabros, lustres, arandellas, mobilia de gosto, revelando antiguidade. Tapcceria nas janellas e nas portas. Divans, sofás, consolos, etc., etc.

SCENA I.

A MARQUEZA, ESTELLA E MINELVINA.

(A Marqueza recostada em um divan; Minelvina enscita-lhe o penteado, e Estella sentada a alguma distancia medita profundamente.)

MARQUEZA, *parece continuar uma conversação.*

Falla-se hoje muito n'esse diamante.

MINELVINA.

Dizem ter sido a melhor exploração d'este anno.

MARQUEZA.

E sabes onde foi encontrada essa preciosidade ?

MIMELVINA.

Não.

MARQUEZA.

Vê se advinhas....

MIMELVINA.

Não posso.

MARQUEZA.

A dez leguas de distancia da fazenda do meu fallecido marido, no serro do Frio.

MIMELVINA.

Ah!

MARQUEZA.

E que fim pretendem dar-lhe?

MIMELVINA.

Diz a—Aurora—que vae ser enviado ao primeiro lapidario de Paris.....

MARQUEZA.

Para que! não temos lapidarios no paiz? E' um pretexto talvez para fazer realçar a fama.

MIMELVINA.

E depois encastado no diadema de Portugal.

MARQUEZA.

Na corôa de Maria Primeira ?

MINELVINA.

Sim ! e mui bem lhe hade ficar n'aquella fronte magestoza, n'aquelles cabellos castanhos claros, n'aquelles olhos azues—sem brilho, n'aquelle sorrizo perpetuo que lhe paira nos labios.....

MARQUEZA.

Ah ! comprehendo, queres pintar-me uma belleza italiana : graça no porte, nas maneiras, facciance no andar, um modo de fallar adocicado, o olhar affectado e até mesmo estudado. Sim, graça, facciance e affectação, porém da alma. No meu entender superiores ás italianas estão as francezas, superiores ás francezas nós outras as brasileiras : lê-se na fronte altiva e calma d'essas mulheres voluveis, que, se são susceptiveis de caprichos, o sol que as aqueceo é de uma zona mil vezes mais frigida que a nossa : o sol dos francezes não é o sol ardente do Brasil. (*Mostrando Estella.*) Apprecia aquella côr morena, aquellas sobranceiras cruzadas e carregadas, aquelles labios largos e corados como se forão rubins, aquelle movimento de olhos, que traduzem um não sei o que de malicia e fogo : os olhos são o thermometro da mulher.

MINELVINA.

Mas eu quizera ver Paris, e mesmo passar lá toda a minha vida.

MARQUEZA.

E' o sonho doirado dos brasileiros: Paris.

MINELVINA.

Dizem que lá as senhoras correm as ruas da cidade em lindos coches com os amantes ao lado e o marido na boléa.

MARQUEZA.

A moral não é má já vês.

MINELVINA.

E depois em França os homens não são ciosos, n'um anno, é bem difficil mais de um amante apunhalar sua amante.

MARQUEZA.

Isso, sim! os francezes não concebem o ciume, esse ciume que tem sede de sangue e de morte, e que só termina com a vida; esse odio tão indomavel, tão irresistivel como o amor que o cauzou. As brasileiras podem dissimular n'um sorriso a infidelidade

que meditação; mas, sorrindo também, cravariao sem dó nem piedade um punhal no coração infiel! oh, as francezas não amão tanto para commetter um crime... Um crime?! Ah, sim, um crime. Minelvina vae acompanhar Estella ao piano; uma aria de Bellini acalmaria decerto as minhas ideias um pouco exaltadas.

MINELVINA.

Estella, não ouves a senhora Marqueza?....

ESTELLA, *como que sahindo de uma profunda meditação.*

Senhora Marqueza..... ah! perdão....eu....

MARQUEZA.

Heim?! que pensamento te occupava o espirito: fazias acaso um exame de consciencia, ou meditavas sobre algum cavalheiro?

ESTELLA, *com ingenuidade.*

Sim, senhora, eu pensava em....

MARQUEZA.

Ah, sim?!

ESTELLA.

Em.... em meu amante.... Procurava lembrar-me do que me disse elle esta manhã.

MARQUEZA, *levantando-se.*

Xavier da Silva? tu o viste? quando?...

ESTELLA.

Sim, senhora, estive com elle esta manhã.

MINELVINA.

Por minha alma, senhora Marqueza, esse moço tem-se tornado desagradavel pela sua monotonia.

MARQUEZA, *affectando indifferença.*

Pois tú crês, Minelvina?

ESTELLA.

Se a senhora Marqueza consente, podemos executar o pedaço que escolheo....

MINELVINA.

Ah! sim, é bonito, e Estella canta-o com maestria.....

MARQUEZA, *interrompendo-a.*

Não, não quero ouvil-a. Minelvina, vae preparar o meu toucador para esta noite. (*Minelvina sahe com Estella.*)

SCENA II.

A MARQUEZA E FREIRE E ANDRADE.

ANDRADE.

Seria a minha presença a causa da fuga d'essas senhoras?

MARQUEZA.

Não é um facto extraordinario, o senhor Freire de Andrade é militar e brasileiro : a nossa milicia amedronta as mulheres, diverte as crianças, e foge dos homens.

ANDRADE.

Ah ! V. Ex.^a, senhora Marqueza, é bem cruel para a classe militar : eu, Freire de Andrade, commandante da tropa de linha brasileira, cidadão prestante, commandar uma tropa de cobardes..... ?

MARQUEZA.

Cobardes ! O Sr. Freire de Andrade é anspeçada no regimento das mulheres.

ANDRADE, *aparte*.

Melhor seria calar-me, esta mulher far-me-ha completa derrota. (*Alto.*) Mas, bella Mar-

queza, quem são essas moças que tanto medo tiveram de mim? Creio não tê-las ainda visto.

MARQUEZA.

Não admira: dedicadas a Deus até hoje, conservarão-se encerradas; esta noite completa a mais bella dezeseis annos.

ANDRADE.

Dedicadas a Deus!

MARQUEZA.

Hoje, porém, que expira o tempo em que sua existencia, occulta até aqui aos olhos dos homens, vae ser emfim conhecida, ouvi a sua historia: ha desoito annos, estacionei-me em minha fazenda, distante algumas leguas d'aqui, em consequencia de uns symptomas de pthysica que começarão a dominar-me. N'esta epocha a enfermidade d'El-Rei D. José, e o embarço da administração, tinhão feito contra os interesses do Brasil uma poderosa diversão. Então um rapto foi praticado pelo Visconde de Barbacena.

ANDRADE.

Ah! o Visconde de Barbacena, feliz mortal!

MARQUEZA.

É ahi, n'um canto da provincia, quando já

me havia roubado aos prazeres mundanos, appareceo-me um dia, ou antes, uma noite, um militar envolvido em um grande capote, e trazendo comsigo uma criança de dez para onze mezes. Perguntou-me se queria tomar sobre mim a severa obrigação de criar e educar secretamente aquella orphãsinha mediante uma pensão, até a idade de deseseis annos; accrescendo que se até essa idade, ninguem a reclamasse, ella me pertenceria. Eu não tinha filhos, acceitei. Jurei que até essa idade a conservaria pura e casta e longé dos homens.

ANDRADE.

E V. Ex.^a, senhora Marqueza, tem cumprido o seu juramento?

MARQUEZA.

Certamente, e se amanhã ninguem reclamar-a... . O Sr. Freire e Andrade conhece um moço... . Xavier da Silva... .

ANDRADE.

Se o conheço! Eu já o quiz fazer girar na ponta da minha espada, porque... .

MARQUEZA.

Porque eu o amava loucamente, não é assim? Pois bem! elle me fez uma injuria

que eu, mais mulher do que elle pensa, não posso perdôar; eu que por elle desdenho das mais ricas homenagens, dos mais nobres incensos d'esses abajuladores fidalgos.... esse ingrato não me ama, e me disse que se eu fôra viuva ou filha de um simples operario, de um camponez....

ANDRADE.

Horror! que espirito democratico! Disponha, senhora Marqueza, do meu braço....

MARQUEZA.

Ora, que o senhor não falle senão em morte e punhal.

ANDRADE.

Não são por certo os meios de seducção que eu possuo; mas, bella Marqueza, sou acaso tão desgraçado que não mereça uma esperança, só uma esperança, não importa se lisonjeira.

MARQUEZA.

Xavier da Silva! oh! é pensando n'elle que vejo na morte uma vingança fraca.... e a morte que lhe reservo....

ANDRADE.

Far-me-ha V. Ex.^a dessa morte uma confidencia?

MARQUEZA.

Não! basta-lhe saber que Alfredo conhece Estella, e que a ama de um amor louco.

ANDRADE.

Está bom,—já não sei pouco.

MARQUEZA.

Retire-se, commandante: ahi vem o Visconde, não quero que elle o veja aqui.

ANDRADE.

E a esperança lisonjeira?

MARQUEZA, *hesita a principio, olha-o e diz com emphaze.*

Veremos.

ANDRADE.

Ah! E' já tanto.... (*Comprimenta com etiqueta e sahe.*)

SCENA III.

O VISCONDE E A MARQUEZA.

(A Marqueza offerece uma cadeira ao Conde, este aceita-a.)

VISCONDE.

Então, Marqueza, alcançou os documentos que me prometteo?

MARQUEZA.

Breve o espero, Visconde.

VISCONDE.

V. Ex.^a bem pôde apreciar, depois do passo que dei, que importancia ligo a esse negocio.

MARQUEZA.

Disse-me, Visconde, ter tido occasião de suspeitar muito particularmente de um mancoço de nome Xavier da Silva. Já, de minha parte, eu tinha formado suspeitas. Esse moço, ardente de impiedade como todos os de sua epocha, reúne ao entusiasmo da liberdade, essa dissimulação que constitue o conspirador.

VISCONDE.

Bem... depois ?

MARQUEZA.

Encobrimdo com o maior desvelo suas acções e pensamentos, é bem difficil fazel-o trahir-se; tenho, felizmente, em mente uma ideia que não deve falhar.

VISCONDE.

Ideia firme ?

MARQUEZA.

Muito firme; tenho aqui uma menina bella, ingenua; sob um pretexto frivolo, fil-a travar conhecimento; a belleza, a innocencia d'essa menina, fez uma impressão viva n'alma do mancebo.

VISCONDE.

Resuma, Marqueza, resuma esses detalhes; elles me pezão na consciencia.

MARQUEZA.

E' facil aproveitar-me da ingenuidade da donzella para obrigar-a a confessar tudo o que sabe á respeito do amante; e depois, dizendo-lhe que de suas palavras depende a feli-

cidade d'aquelle a quem ella mais estima no mundo, porque ella o ama tambem, Estella acabará arrancando-lhe o segredo.

VISCONDE.

Já a interrogou n'esse sentido ?

MARQUEZA.

Vou trazel-a á presença de V. Ex.^a (*Sahe a Marqueza.*)

SCENA IV.

O VISCONDE, só.

E' baseada em principios firmes a desconfiança de que Xavier da Silva está á testa de um partido conspirador; eu mostrarei em o seu castigo um exemplo digno de mim, e então expurgarei o Brasil d'esses mancebos exaltados. Insensatos! que pretendem trazer a liberdade em publico; tem-n'a acaso em particular? Sim! o crime é grande, a expiação deve acompanhar o crime.

SCENA V.

O VISCONDE, ESTELLA E A MARQUEZA.

MARQUEZA.

Desculpe-me, Visconde; mas longe de

mundo, vêde-a tremula e acanhada em sua presença.

VISCONDE.

Aproxime-se, senhora. Mas porque casualidade tem V. Ex.^a essa menina em seu poder? Quem lh'a deo?

MARQUEZA.

Um de seus parentes, Visconde. (*Baixo ao Visconde.*) Nossa filha poderia ter a sua idade.

VISCONDE, *a ella.*

Silencio!... (*Aparte.*) De um de seus parentes!... (*Alto.*) Nada tema, minha senhora, aproxime-se.

MARQUEZA.

Estella, ouve e responde a tudo que perguntar o senhor Visconde, como se estiveras confiando teus segredos a Deos.

VISCONDE.

A menina vê repetidas vezes Xavier da Silva?

ESTELLA, *tremula.*

Repetidas vezes, não, senhor.

MARQUEZA.

Pois que, já não o viste hoje?

ESTELLA.

Sim, mas dois dias se passaram sem que eu o tivesse visto, depois tem resumido tanto as visitas que....

VISCONDE.

Tem descoberto algumas vezes em as suas palavras indícios de uma ideia perturbada?

ESTELLA.

Oh, sim, senhor; elle parece sempre muito perturbado.

VISCONDE.

Perguntou-lhe algum dia qual a sua occupação?

ESTELLA.

Sim, senhor; disse-me que passava as noites fóra da cidade trabalhando em uma grande empreza, e que de dia....

VISCONDE.

Bem! Não lhe tem notado uma tristeza continua, um ar sombrio?

ESTELLA.

Oh! sim, elle está sempre serio, triste; tambem eu, que outr'ora ria tanto antes de conhecê-lo, agora já não rio, e choro muitas vezes.

MARQUEZA, *aparte*.

Sim, este amor te vae custar muitas lagrimas. . .

VISCONDE.

Não lhe fallou nunca de uma empreza perigosa?

ESTELLA.

Elle? Oh, não! meu Deus, seria possível?!

VISCONDE.

Sim, minha senhora, e de suas palavras depende a sua salvação: quer?

ESTELLA.

Salval-o?! se o quero.

VISCONDE.

Então, bem! em nome de seu amor, nada dissimule. . . . esforce-se para lembrar-se; a menor palavra é para nós de muita importancia.

ESTELLA.

Oh! eu não m'esqueço nunca o que elle me diz.

MARQUEZA.

Quaes as suas ultimas palavras quando se despedio de tí ha tres dias?

ESTELLA.

D'essa vez, disse-me com os olhos cheios d'agua: Estella, se eu não voltar, é que morri.... e acrescentou: pobre Estella, que ao menos, depois de minha morte, encontres um homem que te ame como eu te amei. Depois tirou de uma carteira uma carta que m'a deo... Oh! esqueço que prometti guardal-a com muito desvelo.

VISCONDE.

Tem essa carta em seu poder?

ESTELLA.

Sim, senhor.

VISCONDE.

Dê-m'a,

ESTELLA.

E a minha promessa, senhor?

VISCONDE.

Lembre-se que é para salvá-o. . . .

ESTELLA.

Para salvá-o?! (*Tira a carta do seio.*) Tome-a, senhor.

VISCONDE.

E' um documento. (*Abre-a*) Nada intendo. . . .
o modo de escrever é secreto. . . .

ESTELLA.

Restitui-m'a, senhor; ella de nada lhe póde servir. . .

MARQUEZA.

Estella, não depositas confiança no senhor Visconde?

VISCONDE.

A carteira deve encerrar outros papéis. . . ?!

ESTELLA.

Sim, muitos.

VISCONDE.

Não poderia a menina, sem que elle percebesse, subtrahir-lhe a carteira?

ESTELLA.

Seria um roubo.

MARQUEZA.

Esqueces que é para salvá-o.

VISCONDE.

Sim, para salvá-o.

ESTELLA, *dubia*.

Explique-se, senhor.

VISCONDE.

Seu amante, minha senhora, é ainda muito joven, e sem experiencia: homens de má indole, criminosos cercão-n'o, seduzem-n'o, querem perdê-lo. Nós vamos salvá-o, ajude-nos, se o ama, apoderando-se d'essa carteira.

ESTELLA.

Oh! quero tudo fazer para salvá-o. Escute, senhor, quando elle vier, dir-lhe-hei que ini-

migos ligadaes querem perdê-lo..... os seus nomes, senhor,—quero nomea-los, quero pedir-lhe para não mais os ver; se elle recusar, eu me lançarei a seus pés, e, abraçada aos joelhos, os beijarei. Eu heide ser attendida, porque muitas vezes elle dizia que me amava com as lagrimas nos olhos.

MARQUEZA.

Não, não faças tal; tú não conheces o coração dos homens; elle ama-te, dizes—tú; mas se desses um indicio de ter penetrado um segredo que elle guarda com tão bôa fé, talvez acabasse por odiar-te. Nada lhe digas, e muito principalmente o que acabaste de ouvir.

ESTELLA.

Oh, meu Deus!

MARQUEZA, *ao Visconde, baixo.*

Deixe-a comigo; breve terá em seu poder os papeis que tanto anhela.

VISCONDE.

Convem-n'os provas.

MARQUEZA.

E as teremos. (*O Visconde sahe.*)

SCENA VI.

MARQUEZA E ESTELLA.

MARQUEZA.

Estella! tú choras, e nada queres sacrificar para salvar o teu amante! O que é que te retém? Vês n'isso algum mal, alguma acção indigna de tí, se assim fôra eu te aconselharia,—eu que velei a tua infancia,—eu que te recolhi a tí, pobre orphã sem abrigo, abandonada por teus pais? Não te mereço um pouco de confiança?

ESTELLA.

Oh! perdão, perdão, minha mãe.

MARQUEZA.

Sim, tua mãe. Além d'isso eu não tenho motivo para querer mal a um homem que te estima, e que breve te receberá por esposa; eu tambem o amo, sinto por elle um amor... maternal; e tú com uma criancice podes deixal-o morrer.

ESTELLA.

Morrer, elle! oh! não, não; farei tudo o que me pede...

MARQUEZA.

Promettes?

ESTELLA.

Sim, prometto.

MARQUEZA.

Bôa menina! (*Abruç-a.*) Quando elle chegar, procura mostrar-te alegrie, risonha. . . .

ESTELLA.

E' impossivel!

MARQUEZA, *carinhosa.*

Procura todavia disfarçar as tuas magoas; ri, fantasia uma rival, finge o ciúme, e pede-lhe que mostre a carteira, onde dirás que elle guardou as suas cartas; depois distrae-o, faze-o esquecer o objecto sobre um movel. . . . és mulher, e uzarás da arte com que nos dotou o céo para illudir aos homens. Vaç, minha filha, recolhe-te e acalma o teu espirito.

ESTELLA.

Sim, minha mãe, eu procurarei fingir, rir com os labios quando chora o coração.

MARQUEZA.

Filha. . . . (*Beij-a. Estella sahe.*)

SCENA VII.

MARQUEZA, só.

Ah! julgaste, homem imprudente, poder zombar do meu amor! querias ficar livre, rindo de mim, amando as mulheres frivolas com que foste educado..... mas não, tú me vais pertencer, a mim que quero massacrar-te esse coração de gêlo, heide apertal-o nas mãos e quantos ais tú deres, tantas gargalhadas de vingança e odio ouvirás. Misero insensato! tú vais pagar-me bem caro o teu odio, e o teu escarneo.

SCENA VIII.

A MARQUEZA E MINELVINA.

MINELVINA.

Está ahi uma pessoa que sollicita a honra de fallar a V. Ex.^a

MARQUEZA.

Quem é,—não sabes?

MINELVINA.

Não a conheço, e creio mesmo não tel-a nunca visto.

MARQUEZA.

Fal-a entrar. (*Minclvina sahe.*)

SCENA IX.

MARQUEZA E SILVERIO DOS REIS.

MARQUEZA.

Pronuncie-se, senhor.

SILVERIO.

Não me conhece, senhora Marqueza?

MARQUEZA, *com diplomacia.*

Não, á fé de quem sou.

SILVERIO.

Verdade é que só vim á presença de V. Ex.^a
uma unica vez, e ha quinze annos....

MARQUEZA.

Ha quinze annos?

SILVERIO.

Trazia uma menina de um anno mais ou
menos debaixo de um grande capote....

MARQUEZA.

Será o senhor....?

SILVERIO.

Quem confiou a V. Ex.^a uma menina de nome Estella? Sim, senhora Marqueza.

MARQUEZA.

Ah!

SILVERIO.

E existe ella ainda?

MARQUEZA.

Sim, existe.

SILVERIO.

Ah! Hoje, minha senhora, expira o tempo....

MARQUEZA.

E tem animo de arrancar-la do meu seio?

SILVERIO.

Oh não! É bella?

MARQUEZA.

Como os anjos. Quer vê-la?

SILVERIO.

Não, não; responda-me, senhora, — ao sahir encontrei o Visconde: viu elle a nossa Estella?

MARQUEZA.

Sim.

SILVERIO.

Derigio-se a ella? Perguntou a V. Ex.^a a que casualidade devia aquelle anjo?

MARQUEZA.

Perguntou-me de quem a possuia.

SILVERIO.

E V. Ex.^a disse. . . .

MARQUEZA.

Que de um de seus parentes.

SILVERIO.

Muito bem. V. Ex.^a educou-a sem duvida como o prometteo?!

MARQUEZA.

Como se fôra minha filha; e esta noite...

SILVERIO.

Esta noite, minha senhora, completa Estella dezesseis annos; esta noite cumprirei um projecto por longo tempo meditado; esta noite se realisará uma esperauça de quinze annos de espera. Promette, senhora Marqueza, secundar-me n'esta empreza?

MARQUEZA.

Ignoro, senhor... não sei....

SILVERIO.

Escute, senhora Marqueza: V. Ex., cuja vida tem sido toda ella de paixões, consente que lhe falle de odio e de vingança?

MARQUEZA.

Explique-se e nada dissimule.

SILVERIO.

Nada dissimularei, senhora Marqueza: eu sinto-me devorado por um odio; esse odio, cobri-o com um véo espesso para occulta-lo a todos os olhes, mas hoje, saiba V. Ex. que essa menina é....

SCENA X.

OS MESMOS, XAVIER DA SILVA.

MARQUEZA.

Silencio! alguém. . . .

XAVIER, *aparte*.

Silverio dos Reis!

SILVERIO.

Senhora Marqueza.

MARQUEZA.

Logo, á tarde na minha ante-camara.

SILVERIO.

Serei preciso. (*Vae sahir e fica face a face com Xavier da Silva.*) Tú aqui, Xavier da Silva?

XAVIER.

E tú tambem!?

SILVERIO.

Cuidado, meu amigo, muito cuidado: o Visconde ha pouco sahio d'esta casa.

XAVIER.

Nada temas,—serei prudente. (*Silverio sa-
he.*)

SCENA XI.

MARQUEZA E XAVIER DA SILVA.

XAVIER.

A que propósito veio Silverio dos Reis a
esta casa?

MARQUEZA.

Está com ciume?

XAVIER.

Eu, ciumento? Ah, sim! esvaeceo-se ás
palavras do Evangelho: bem aventureados os
pobres de espirito.

MARQUEZA, *aparte.*

Insolente! (*Alto.*) O senhor Xavier da Silva
é brasileiro e, creio, fiel ao character nacional:
trata tudo com leviandade; nem mesmo o
receio de ferir alguém que o estime lhe retém
o estro satyrico. . . .

XAVIER.

Peço humilde perdão aos pés de V. Ex.^ª;

sei que tem tido azares, quaesquer que elles sejam, eu os respeito.... Agora, senhora Marqueza, confiado na bondade de V. Ex.^a, ousou pedir-lhe que chame Estella.

MARQUEZA.

Estella!?

XAVIER.

V. Ex.^a já deve ter noticias da minha viagem politica ao Rio de Janeiro....

MARQUEZA.

E não quer partir sem vê-la, não é verdade? é muito justo, é muito natural. Vae repartir com ella adeoses de saudades e de lagrymas,— para mim, só achou palavras de odio e de desprezo.

XAVIER.

Senhora Marqueza, esse pensamento.

MARQUEZA.

Embalde procurará justificar-o. E qual foi o meu crime? um amor tão violento como sincero, maior mil vezes do que esse que foi mendigar no coração d'uma menina, minha rival. Uma rival! E mereço o teu desprezo?! Não; mas é esta a sorte de nós outras as mulheres, condemnadas por aquelles mesmos que nos devião absolver e lastimar! Ah! mas é impossivel

que tú não me ames! se és vilão, se não sentes correr em tuas veias o sangue da nobreza, --eu te amarei; se és pobre, se só tens para dar-me o teu amor, --eu te amarei; se és ambicioso, se precisas de um estrado para subir, subir muito alto--aqui me tens, --e eu te amarei assim mesmo. Por tí abjuro toda minha vida de esplendor e de paixões: iremos habitar uma choupana, onde viviremos do meu amor, do teu amor, do canto dos passaros, do succo das flores. Meu Deus, tú que do alto dos céos reflectiste com a luz da tua sabedoria o coração d'este homem, e me apontaste um a um os seus sentimentos, --dá-me um thrôno e ver-me-has trocal-o por um só beijo de amor.

XAVIER.

Senhera!

MARQUEZA.

Sim, eu te amo, não obstante teu desdém, tuas affrontas, teus insultos, teu amor por uma outra mulher. Escuta, escuta: quando te abandonei, fingi indifferença, mas minh'alma se despedaçava de dia em dia, de hora em hora, de minuto em minuto; encobri-te a minha dôr, e ella agora se manifesta. Esta paixão louca parece tomar novas forças á medida que procuro reprimil-a. A's vezes quero crer que é odio o que me inspiras, até mesmo chego a desejar a tua morte; --sím a tua morte! mas lembra-me logo que o golpe que te matasse me mataria tambem! Ah! dize-me, dize-me:

se um perigo te ameaçasse, não me pederias para salvar-te a vida? eu t'a salvaria, mesmo a preço de todo o meu sangue, eu t'a salvaria.

XAVIER.

O meu reconhecimento, senhora Marqueza, será eterno, nunca, porém, terei ocasião de collocar a dedicação de V. Ex.^a n'essa collisão.

MARQUEZA, *com escarneo.*

Ah, nunca!

XAVIER.

Aprecio com veneração a generosidade de V. Ex.^a; se pequei não persisto em reparar a minha falta..

MARQUEZA.

Ah! falla, falla... uma palavra, uma só e tudo esquecerei.

XAVIER.

Senhora Marqueza, juro-lhe por quem sou que jámais sahirá palavra de meus labios que a possa ferir no melindre... minha affeição, minha amisade, ha muito as adquirio V. Ex.^a; mas o amor, esta chamma que me consume, só conservo por uma mulher.

MARQUEZA.

Estella, não é verdade? (*A parte.*) Sempre... sempre ella... maldição e desgraça sobre ambos! (*Alto.*) Ah! tem razão, senhor, eu fui uma louca conservando-lhe sempre a mesma linguagem. Agora, Sr., que esta fatal paixão deve morrer em meu seio, porque entre nós só deve reinar a amizade, só amizade, saiba que o homem que não sente é um cadaver, o homem que não crê um sepulchro, e quando as leis do movimento se lhes approximão, o primeiro apresenta cinza, e o segundo marmore e lentamente vão povoando o cemiterio da terra. A lei do movimento é a mulher, porque a mulher é a motôra d'este mundo de fé e de amor. Sou amiga de Estella, sou sua mãe adoptiva... ainda ha pouco fallamos no Sr., e indague qual o juizo que formei sobre a sua pessoa.

XAVIER.

Eu o creio, senhora; e V. Ex.^a que lhe servio de mãe, que até hoje a tem affastado das pégadas da seducção, continúe e Deus a abençoará.

MARQUEZA.

Ella ahi está, senhor... Veja se comprehendi o meu papel.

SCENA XII.

OS MESMOS E ESTELLA.

MARQUEZA, *contrafazendo-se.*

Vem, minha filha. Olha quem te esperava com impaciencia.

ESTELLA.

Ah!

XAVIER.

Estella!

MARQUEZA.

Em vespuras de uma viagem, devem ter muitos segredos a communicarem-se, muitas lagrimas...

ESTELLA, *impaciente.*

Tú partes, meu amigo?

XATIER.

Sim; mas não te amofines, breve estarei de volta.

MARQUEZA.

Meus filhos, eu os deixo.... senhor, boa viagem, e que seja esta a paga da sinceridade com que sempre nos honrou. (*Abraça-o, e diz ameaçando-o nos braços:*) Ah! um punhal e eu ficaria vingada. (*A Estella.*) Não te es-

queças, Estella, da carteira... hoje mesmo, ou a vida do teu amante.

ESTELLA.

A sua vida?

MARQUEZA, *comprimentando*

Senhor!

SCENA XIII.

ESTELLA E XAVIER DA SILVA.

ESTELLA, *n'uma extremidade da scena.*

Oh, meu Deus! como eu tremo!...

XAVIER, *consigo mesmo, vendo Estella.*

Só com ella!... e é á Marqueza a quem devo este instante de felecidade!

ESTELLA, *aparte.*

Que lhe heide eu dizer? Devo pedir-lhe a malfadada carteira? elle m'a recusaria; roubal-a...? seria uma acção indigna; mas d'ella depende a sua vida... Ah! não quero que elle mórta!

XAVIER, *approximando-se a ella.*

Estella, em que pensas? pareces agitada.....

ESTELLA.

Eu! não.... não, tu te enganas.... Sempre partes amanhã?

XAVIER.

Sim, Estella, e temos tão pouco tempo a dispôr. Vamos aproveitá-lo fallando do nosso amor. Uma separação entre dois namorados, por mais curta que seja, parece tão cruel!....

ESTELLA.

Muito cruel. E quem te manda partir? que importancia....

XAVIER.

E' um segredo, que por ora não posso confiant-o.

ESTELLA.

Mesmo a mim?

XAVIER.

Mesmo a tí. Esse negocio de tanta importancia para mim,—para tí, Estella, seria de nenhum interesse.

ESTELLA.

E se corresses algum perigo?

XAVIER.

Não, nada temas; bem vêes, eu estou tran-

quillo..... Dize, Estella, quem te inspirou essa lembrança?

ESTELLA.

Eu me enganei, já não insisto. Se tu tivesses pezares, m'os confiaras, não é assim?

XAVIER.

Certamente. Callemo-nos, Estella.... affasta do pensamento ideias taes... Esqueçamos mesmo a minha partida, para so nos lembrar a alegria e o prazer da minha vinda.

ESTELLA.

Sim, que será breve, muito breve, e então seremos felizes, bem felizes. (*Aparte.*) Mas a carteira onde estará?

XAVIER.

Depois da minha vinda nada se oppôrã ao cumprimento do mais sincero dos meus votos. E tu, Estella, orphã pura e candida, tu, que te alimentaste até então no seio de uma familia estranha, virás bem depressa descansar nos braços de um esposo querido.

ESTELLA.

Nos teus braços;—ah!

XAVIER.

Suspiras? Responde com franqueza: às vezes nos teus sonhos de virgem, não viste nunca a realidade d'este hymenêo? Responde e não córes. (*Aperta-a nos braços.*)

ESTELLA.

Sim; tu és a imagem dos meus sonhos. (*Sua mão oppressa no seio de Xavier parece encontrar a carteira, Aparte:*) Ah! a carteira!!?

XAVIER.

Que tens?

ESTELLA.

Não me engano, aqui está um punhal.

XAVIER.

Tens medo?

ESTELLA.

Sim, muito medo.

XAVIER.

Criança!

ESTELLA, *não tirando os olhos*

do lugar em que está a carteira, aparte.

Se eu ousasse.... (*Alto.*) Olha, meu amigo, já não tremo. Quero ver se tenho animo de tocar n'essa arma....

XAVIER.

Meu Deus, que criança! (Abre a sobrecasaca e sahem ao mesmo tempo o punhal e a carteira.) Vês! (Movimento de sobresalto de Estella. Xavier da Silva põe a carteira na algibeira, sem fechar a sobrecasaca.) Toma, meu anjo.

ESTELLA, aparte.

Ah! como sou desgraçada! (Lança os olhos na carteira aparentando olhar o punhal.) Sim, é de ouro, e como brilha.... Quem dirá que isto tira a vida.

XAVIER.

Dizes bem; os homens põem o luxo, e a vaidade, e mesmo a riqueza, até n'um instrumento de morte. Estella, dá-me ess'arma.... Não fallemos de punhal e de morte, e sim do nosso amor. (Vae abraçat-a.)

ESTELLA.

Deixa-me....

XAVIER.

Recusas, Estella, um beijo de adeus, a mim, que vou ser teu esposo.

ESTELLA.

Meu amigo. (Aparte.) Meu Deus, e a carteira!

XAVIER.

Não, tu não me amas, se me amasses não me negarias esta prova de amor.

ESTELLA.

Em nome do céu!

XAVIER.

Minha Estella. (*Abraca Estella, ella dá com a carteira e tira-a com presteza, contrafazendo-se depois.*)

ESTELLA.

Ah!... finalmente. . . .

XAVIER.

Chega alguém, sem duvida a Marqueza. Adeus Estella, sinto-me com animo de partir, porque levo de tí uma esperança. Que seria de mim sem a tua bondade. Adeus, e até muitobreve. (*Sahe precipitadamente pelo fundo. A Marqueza entra por uma porta lateral.*)

SCENA XIV.

A MARQUEZA E ESTELLA

MARQUEZA, *anciosa.*

Estella! Então. . . . ?

ESTELLA, *impressionada.*

Aqui a tem, senhora....

MARQUEZA, *com alegria.*

Ah!

ESTELLA.

Tenho horror de mim mesma pela acção que acabo de praticar, e se V. Ex.^a não tivesse vindo, talvez eu não pudesse supportar a presença d'elle. Já as forças me abandonavão, e eu ia cahir a seus pés.... Ah! (*Cahe desmarada no divan.*)

MARQUEZA, *examinando a carteira com avidéz.*

Cobra animo, Estella; o que fizeste está bem, e mais tarde, elle mesmo te agradecerá.

XAVIER, *nos bastidores.*

Estella! Estella!

ESTELLA, *com voz fraca.*

E' elle! Oh, meu Deus! elle ahi vem. Esconda-me, esconda-me....

MARQUEZA, *animando-a.*

Animo.... animo, minha filha, e se prezas a sua vida, nada confesses.

ESTELLA, *perturbada.*

Não! não, senhora!

SCENA XV.

OS MESMOS E XAVIER DA SILVA.

XAVIER, *precipitado.*

Ah! Estella! temia não encontrar-te aqui. Perdão, senhora Marqueza, mas uma inquietação mortal.... Estella, ainda ha pouco não viste, junto a tí, a minha carteira?

ESTELLA, *a um olhar da Marqueza.*

A sua carteira? Não.

XAVIER.

Deixe-m'a procurar, Sr.^a Marqueza.... aqui talvez.... (*Examina o consólo.*) Não, não está. Ah! estou perdido! (*Approxima-se a Estella, e diz em meia voz:*) Adeus, Estella, talvez para sempre.

ESTELLA.

Meu Deus!

XAVIER, *em meia voz.*

Sim, para sempre.

ESTELLA, *estupefacta.*

Não zombes assim.

XAVIER.

A carteira que eu perdi encerrava a minha vida. Adeus! Adeus! (*Sahe correndo.*)

SCENA XVI.

MARQUEZA E ESTELLA.

ESTELLA, *seguido Xavier.*

Não vás... não vás... eu tudo te direi...

MARQUEZA, *retendo-a.*

Tu ficarás, insensata!

ESTELLA.

Ah! senhora Marqueza, V. Ex.^a mentio, e mentio com vileza, com infamia.

MARQUEZA.

Miseravel!

ESTELLA.

Quem me chama de miseravel! Mas, não! elle não irá... eu assim o quero...

MARQUEZA.

Nem mais um passo. (*Segura-a pela mão, e prostra-a.*)

ESTELLA.

Ah! (*Cahe desmaiada com um grito de dor.*)

MARQUEZA, *vae ao consólo e toca a campainhá.*
Minelvina apparece por uma porta lateral,
um criado pela do fundo.

(*A Minelvina.*) Soccorre essa miseravel!
(*Ao criado.*) Põe os animaes na carruagem.
(*O criado sahe.*) Ah! homem inexperiente, tu
vás saber o que é o amor de uma mulher!

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II.

ODIO.

Um quarto em casa de Xavier da Silva, simplesmente mobiliado. No fundo, uma porta; à direita, outra.

SCENA I.

XAVIER DA SILVA, só, *sentado junto a uma mesa.*

Baldadas tem sido todas minhas pesquisas, jámais nunca a encontrarei. E a lista que ella continha? será entregue, sem duvida, a algum interprete que traduzirá n'ella os nomes dos meus correligionarios;—ficarão como eu perdidos, denunciados! Claudio da Costa, Rego Fortes, é por teus nomes que eu clamo no auge da minha dôr! porém, não, não será assim! empregarei todo o tempo que me resta de salvação prevenindo-os, e elles lançarão mão da medida que tem, a fuga! Eu esperarei aqui, a pé firme, a sentença dos meus juizes: morre um liberal, mas não morre a liberdade!

Morro orgulhoso, com a cabeça altancira, como morre o homem que defende suas ideias; morro.... Morrer?! E Estella, Santo Deus! o que será d'ella? a quem confial-a? talvez, Silverio dos Reis, mas arrastei-o tambem na minha perda... leval-a? é impossivel;—deixal-a nas mãos impudicas da Marqueza? oh! nunca, nunca!

SCENA II.

XAVIER DA SILVA E SILVERIO DOS REIS.

XAVIER.

Silverio dos Reis!

SILVERIO.

Sim, preveni já a mór parte dos nossos amigos politicos de se não apresentarem em casa da Marqueza: ou eu me engano, ou ha traição.

XAVIER, *aparte*.

Tudo, tudo descoberto. (*Alto*.) Traição? Não, não houve traição, houve apenas imprudencia.

SILVERIO.

Imprudencia? de quem?

XAVIER.

De mim mesmo.

SILVERIO.

Será possível?

XAVIER.

Quando me vestia para ir ao baile da Mar-
queza, encerrei papeis de alta importancia
n'uma carteira, que a perdi, ou antes, que m'a
tiraram sem que eu percebesse.

SILVERIO.

Sabes o que te resta fazer? Fugir.

XAVIER.

Realmente a sua calma me amedronta:
aquelle que parecia tão ardente na grande
causa da liberdade, aquelle que, alma do nossa
conselho, se mostrava tão fanatico, sente-se
apenas commovido quando conhece a derrota
das nossas mais fagueiras esperanças?!

SILVERIO.

Xavier da Silva, se caminhámos ambos no
mesmo trilho, não chegámos ao mesmo fim.
Tyranno e despotismo, patria e liberdade, pa-
lavras oucas, que só exprimem fumo e de-
cepção. Aponta-me, mancebo, no turbilhão
que te cerca um homem, cuja escola seja a
tua, cujos principios sejam sãos e puros como
os teus. Aponta-m'o, e eu te mostrarei n'elle

o socialista propriamente dito, e socialista é o homem que intenta amoldar a sociedade ao seu modo de vêr, que quer organisal-a segundo seus caprichos: a consciencia personalisada.

XAVIER.

Como!

SILVERIO.

Maravilha-te a minha linguagem, não é assim? A conveniencia é um vicio, porque viciado é aquelle que troca as ideias do berço, direi mesmo o senso commum, pelo brilho estúpido e ficticio dos europeis e das gallas; viciado é o homem que esconde com uma mão o coração, e pede com a outra uma esmola ao homem do poder em nome da mascara que uza...

XAVIER.

Silverio dos Reis?

SILVERIO.

Na minha mocidade, a ambição, com o titulo de patriotismo, foi a minha vida por muitos annos; mais tarde—o amor, depois o odio.... o odio é uma paixão tambem.

XAVIER.

Sim, a paixão do egoista.

SILVERIO.

Como todas as outras...

XAVIER.

Mas, se são estas as tuas ideias como te achas entre nós? Explica-me: tens acaso fé no porvir? confias nos progressos successivos da nação brasileira?

SILVERIO.

Não! Quando as assembléas começaram a patentear rasgos de despotismo do nosso Estado, quando o nome de um de seus tyrannos, o Visconde de Barbacena, foi pronunciado ante mim; os olhos placidos e serenos dos conspiradores se crusaram carrancudos e sobranceiros, seu rosto mudou de semblante, seus braços se erguião machinalmente como para descarregar um golpe mortal: elles erão inimigos do Visconde, este devia ser o meu partido. Ouvi impassivel a nomeação do Governador Cunha e Menezes, e o sangue gelou-me nas veias: abracei a tua bandeira quando tribuno do povo, tu dizias:

XAVIER.

Povo! tu gemes nas cadeias de leis oppressoras, essas leis não offerecem um só meio por onde se derrame a illustração, e quando

os esforços são racionáveis, todas as imprudências são permittidas.

SILVERIO.

Erão estas as tuas palavras, eras tu a aurora de uma crença que começava a raiar bella e fulgurante nos horisontes do Brasil. (*Batem.*)
Batem. (à parte.) Quem será?

XAVIER.

Meu amigo, acabo de avisar os nossos cor-religionarios: acharás n'esse quarto o que te fôr mistér.

SILVERIO.

Sim. (*Sahe.*)

SCENA III.

XAVIER DA SILVA E ESTELLA.

XAVIER.

Tu aqui, Estella! meu Deus, que perturbação... que pallidez!!

ESTELLA.

Sim, sou eu; estás só? Temi não encontrar-te...

XAVIER, abraçando-a.

Mas, que imprudencia ! O que te aconteceu ?
falla.

ESTELLA.

Julguei perder as forças até chegar aqui. Na
rua, meus olhos ficaram escuros, senti enfra-
quecer-se meu corpo; não conhecia já esta
casa, onde vim uma vez: cuidei cair des-
maiada sobre as pedras....

XAVIER.

Mas, que tens ?

ESTELLA.

Hontem, quando te separaste de mim, di-
ceste-me adeus para sempre. Sim, tu o di-
ceste, que eu bem ouvi....

XAVIER.

Sim, disse, mas foi casualmente: olha, não
vês, que eu já me rio ?

ESTELLA.

Tu me enganas, não é essa a verdade.

XAVIER.

Quem t'o disse ?

ESTELLA.

Ah! quando pronunciaste essas palavras, não sei que mudança se operou em mim; até agora, só tinha sahido dos prazeres da infancia para gozar a felicidade do teu amor; julguei que a tua ausencia só me podesse custar lagrimas; mas, de hontem para cá, uma ideia terrivel, a de não tornar-te a vêr, me mataria.

XAVIER.

Não, Estella; socega.

ESTELLA.

Hontem quando te apartaste de mim, eu cahi desmaiada por muito tempo; depois que tornei á mim, pedi para ficar só porque sentia que o meu coração estallava de dôr, mas, embalde! arrastaram-me para a sala, e me obrigaram a cantar. Impossivel! eu não tinha forças. Depois, milhares de homens me cercaram: um d'entre elles não me deixou um só instante; estava mascarado, mas eu via atravez da mascara que olhares me deitava. Não sei porque, mas comecei a ter medo, muito medo: pareceo-me que me fallava de amor.

XAVIER.

De amor!

ESTELLA.

Mas, não! eu me enganei... Isso era impossível porque elle tinha os cabellos brancos.

XAVIER.

Pobre moça, quem'n'a tambem perder.

ESTELLA.

Que dizes?

XAVIER.

E depois, Estella, o que te aconteceu?

ESTELLA.

Todos se retiraram pouco a pouco; esse mascara ficou só: tomou-me pela mão, e me disse ao ouvido: eu sou rico, immensamente rico, poderoso; depois encarando-me disse que me amava, que me amava com loucura.

XAVIER.

Confessou que te amava!

ESTELLA.

Sim; então tirou a mascara, ah! comecei a não ter medo: era, com effeito, um velho, que me olhava com ternura; lembrei-me de-

repente que não conhecia meu pay, e que talvez. . . .

XAVIER.

Oh, não!

ESTELLA.

Porque?

XAVIER.

Um pay era incapaz de entregar sua filha a essa mulher.

ESTELLA.

Que dizes? lembra-te que foi ella quem me servio de mãy; se não fôra ella, eu estaria por ahi morta de fome e de miseria; foi ella quem me fez digna de tí, do teu amor, e dizes que. . . .

XAVIER.

Que é uma infame!

ESTELLA.

Mentes!

XAVIER.

Agora que ella acaba de faltar á palavra que me havia dado, agora que t'a posso mostrar, apontar-te o perigo que corres, para te desviares d'elle, ouve; esses homens no meio dos quaes te achaste, são homens infamados pelo vicio e pelo crime, homens que gastão os dias mais preciosos de sua vida em orgias e deboches;

essas mulheres, são, como a Marqueza, mulheres que mercadejão o amor, que o vendem moeda corrente, salpicando de lama, da lama da corrupção o tumulto de seu marido, o título que trazem, e quem n'ó deo: essas mulheres querião aviltar-te, manchar-te como ellas, e esse velho, deshonrar-te.

ESTELLA.

Ah! salva-me, ou mata-me.

XAVIER.

Estella! acalma-te.

ESTELLA.

Tu sabias isto e não me arrancaste das suas mãos?! quero crêr que tu não me amas. . . .

XAVIER.

Mil vezes o tentei, e outras tantas vacillei: sem apoio, sem fortuna, eu não podia tirar-te de casa sem o consentimento d'aquella féra; uma unica circumstancia n'ó podia permittir, mas essa morreo hontem, uma fatal imprudencia. . . .

ESTELLA.

Dize antes um crime.

XAVIER.

Um crime!

ESTELLA.

Tu me perdóas, não é assim?

XAVIER.

Que dizes?

ESTELLA.

Sim, foi um roubo que me obrigaram a
commetter, a tua carteira....

XAVIER.

Eu a perdi.

ESTELLA.

Não, ella foi-te roubada.

XAVIER.

Por quem?

ESTELLA.

Não me amaldiçoés.

XAVIER.

Ah! foste tu.

ESTELLA.

Sim, fui eu. Oh! não me censures.

XAVIER.

Não, não, minha Estella; eu censurar-te, quando folgo em saber que ella está em teu poder?! sei que foi por curiosidade, curiosidade de moça; e já agora que ella de nada te póde servir, dá-m'a.

ESTELLA.

Dar-t'a? não a tenho comigo.

XAVEIR.

Como! onde está?

ESTELLA.

Entregui-a a quem mandou roubal-a.

XAVIER.

A' Marqueza!?

ESTELLA.

Sim; disse-me que tua vida corria um grande perigo. Acreditei em suas palavras, roubei-a. Oh! eu não o faria senão para salvar-te.

XAVIER.

Embalde procuro illudir-me. Essa mulher está louca, e vae sem duvida vender a minha

cabeça,—mas ella não tem séde de ouro, o ciúme talvez.... ah! então só devo temer por mim. Estella, não chores, minha filha, tu não voltarás á casa da Marqueza; essa víbora quer perder-nos ambos.

ESTELLA.

Sinto rumor.... Não quero que me vejam aqui.

SCENA IV.

OS MESMOS, E SILVERIO DOS REIS.

XAVIER.

Estella, nada temas, é um amigo nosso.

SILVERIO.

Estella!

XAVIER.

Silverio dos Reis, talvez o teu sangue frio e a Providencia podessem dispôr de meios de fuga e salvação.... Olha aquella menina, eu sou o seu unico apoio, se eu faltar ella ficará entregue a uma mulher sem coração, sem sentimentos.

SILVERIO, *aparte*.

A sua mãy!

XAVIER.

Vê, olha tanta innocencia reunida a tanta pureza.

SILVERIO.

O que queres que eu faça por ella?

XAVIER.

Toma-a debaixo da tua protecção, vélla por ella. Tu m'o promettes, não é assim?

SILVERIO.

Não posso.

XAVIER

Não podes? mas tua alma é cheia de piedade. Olha-a, contempla-a....

SILVERIO.

Bem a conheço.

XAVIER.

Ah!

SILVERIO.

Ha muito que vélo sobre ella.

XAVIER.

Então não a abandone, meu amigo; salve-a

dos perigos que a cercão; que eu morra ao menos tranquillo deixando-a ao teu amparo! Estella, elle te servirá de pai.

ESTELLA.

O senhor? Sim, salve-me, salve-me!

SILVERIO.

Faze-a retirar: preciso fallar-te a sós.

XAVIER, *levando Estella até a porta.*

Entra aqui, Estella; e não saias sem que eu te chame.

ESTELLA.

Sim. (*Sahe.*)

SCENA V.

XAVIER DA SILVA E SILVERIO DOS REIS.

XAVIER.

Pareceo-me que disseste que conhecias Estella; conheces acaso a sua familia?

SILVERIO.

Sim.

XAVIER.

Então, por piedade, arranquem'o-la da casa da Marqueza.

SILVERIO.

Então, Xavier da Silva, não te basta ter vivido como um louco, aos azares de uma conspiração, vacillas ainda n'um amor romanesco?

XAVIER.

Desprezo os teus conselhos: eu amo essa mulher, e quando mesino eu não a amasse, só a piedade....

SILVERIO.

Tambem a Marqueza te ama, e tu....

XAVIER.

Eu a odeio, porque infeliz d'aquelle que sentir amor por uma d'essas mulheres orgulhosas e inconstantes que cobrem debaixo da formosura de um anjo a alma a mais corrompida. Perderá a dignidade de homem, e se converterá em um miseravel escravo, sujeito sempre aos caprichos da mulher que goza em atormental-o.

SILVERIO.

Sim, mas....

XAVIER.

Quantas mulheres d'essas que passião orgulhosas pelo theatro do mundo serão culpadas dos crimes mais odiosos, sem que venhão perturbar-lhes o sorriso dos seus labios, nem uma lagrima do coração, nem um remorso da consciencia? Não será um crime o assassinato do coração? Não será talvez mais culpado aquelle que nos consome na desesperação, do que aquelle que nos tira a vida? Este máta de um só golpe, o outro prolonga a nossa agonia barbaramente: afogando a lé do coração, destroe nossas ideias de ventura; sécca nossas mais ricas illusões, e arranca, finalmente, a esperança da felicidade, que é a vida de noss'alma. E são estas as mulheres que tu amas, meu amigo: as mulheres que contão com vangloria o catálogo dos amantes que sacrificaram aos seus caprichos. Maldição sobre ellas, maldição sobre uma sociedade que em vez de cuspir-as as applaude no seio muitas vezes de uma familia, medindo os grãos de sua formosura pelo numero de suas victimas. E' por isso que ellas se mostrão tão orgulhosas, é porque conformando-se com as ideias do mundo, que morre aos impulsos de suas seduccões, cada coração, é uma nova flôr que augmentão na sua corôa de triumphos: é esta a nossa aristocracia, a nossa diplomacia de sangue, a nossa vergonha. . . .

SILVERIO.

Xavier da Silva! acalma-te, meu amigo.

XAVIER.

Meu amigo, sempre juntos, tu me fazias supportar com valor o peso da existencia, tu me ajudastes a separar da minha mente as ideias terriveis que a combatião. Narrei-te a minha historia, mostrei-te as minhas ideias politicas, e nossa amizade começou, se não fôra ella, não sei a resolução desesperada que teria tomado para acalmar as minhas dôres. Pois bem, em nome d'essa amizade, em nome de tudo quante ha de mais sagrado, não me peças que renuncie a Estella, porque eu amo-a com delirio, e só uma cousa me importa no mundo, a perda do seu amor. Piedade para ella, piedade!

SILVERIO.

Ha almas malditas que não devem esperar nem piedade, nem salvação dos homens.

XAVIER.

Que dizes? isso não pôde referir-se a Estella. Estella....

SILVERIO.

Está amaldiçoada!

XAVIER.

Amaldiçoada! Tu mentes, desgraçado!

SILVERIO.

Desgraçado!?

XAVIER.

Perdôa; foi desvario, meu amigo. Mas, ouve: desde que te conheço, descobri em tí um não sei que de extraordinario. Outr'ora, soldado sem patria, hontem conjurador sem patriotismo, conspiravas contra um nome, hoje....

SILVERIO.

Hoje....? Mais tarde o saberás. Por ora só se trata de tí, de tí só, que estimo como se fôras meu filho: ainda uma vez, Xavier da Silva, parte para muito longe, renuncia tuas ideias e o amor de Estella.

XAVIER.

Eu, renunciar minhas ideias? estás louco, Silverio dos Reis? A civilização não está nas cousas, está no homem: não se vê, sente-se; pedir que renuncie as ideias é pedir que seja retrogrado. Isso é impossivel! mui longe vão os tempos em que trocávamos o vidro do europeu pelos nossos diamantes: aqui a civilização progride como no além-mar.

SILVERIO.

Breve te arrependerás, Xavier da Silva, eu t'ò juro. Tu usurpas um lugar que eu só devêra occupar, mas, que me importa um louco que se vem atravessar na senda das minhas ambições, tu não chegarás ao cabo.... Sim, não devo contar os passos que se enlameião n'um cadaver. (*Sahe.*)

SCENA VI.

XAVIER DA SILVA, e depois a MARQUEZA.

XAVIER.

O que disse elle? Teremos ambos as mesmas paixões, ou será Silverio dos Reis uma alma vendida ao Governador para nos espiar. Denunciador! como é vil e mesquinho este emprego!

MARQUEZA, *entrando.*

Estella não está aqui.

XAVIER, *encara-a, ella abaixa os olhos.*

Pois que, V. Ex.^a não ousa olhar-me em face?! Confessa-se culpada, não é assim?

MARQUEZA.

Culpada? Não.

XAVIER.

Eu tudo sei, Sr.^a Marqueza, sei que V. Ex.^a foi instrumento de uma traição infame.

MARQUEZA.

Não o comprehendo.

XAVIER.

V. Ex.^a tem em seu poder papeis que importarão a minha morte.

MARQUEZA.

Sabe então que a sua vida está em minhas mãos e teme que eu que, ainda ha bem pouco, lhe dizia que o amava, o perca? E' tempo de vingar-me, senhor; é tempo de reparar os insultos que me fez.

XAVIER.

Senhora, eu nada comprehendo, nem mesmo as suas palavras; V. Ex.^a quer matar-me, póde fazel-o: cumpra-se o meu destino.

MARQUEZA.

Eu, matar-te?! oh, não, não; talvez n'um momento de vingança o fizera, ou cré-se poder-o fazer; julguei que o odio substituisse o

amor: para mim, mulher orgulhosa, só ha dois sentimentos: amor e odio. Tu me matavas de ciume, me torturavas com escarneo, julguei chegado o momento de odio, quiz vingar-me, mas em balde! o amor era maior, porque eu te amo muito, amo-te mais do que nunca.

XAVIER.

Senhora Marqueza, a razão de V. Ex.^a se desvaira.

MARQUEZA.

Louca? sim, louca, estou louca porque fallo de amor a esse coração de gêlo, a essa alma de marmore, que outr'ora sorrio-se para mim, para augmentar um nome na lista das suas conquistas, que hoje ri de piedade quando me humilho ante elle. Louca porque fallo de amor a um homem que amei como no meu primeiro amor, que amo ainda porque esse amor é a realisação de meus sonhos e illusões, é o extasis de ventura que me acalenta a vida, é a minha vida. Se podesses lêr em meu coração, tu corresponderias ao meu amor, ainda que fosse para agradecer a paixão violenta que me inspiraste. Olha, sabes o que me traz aqui? sabes quem te falla? Não é essa Marqueza, altiva, orgulhosa, que arrasta atraz de si, em seu carro, a mais nobre fidalguia, cercada sempre dos mais estupidos bajuladores, é Maria! Maria, que para ser digna de ti, te rodeará dos mais ternos cuidados, te

elevará acima de todos os homens para que todos te respeitem e admirem, Maria, que será a tua primeira escrava, que treme á ideia de que te quiz perder, pois te vem offercer os meios de salvação antes que tua morte seja pronunciada. Olha? é a teus pés que eu peço....

XAVIER.

Levante-se, senhora Marqueza....

MARQUEZA.

Não, aqui ficarei até que me perdoes, até que me promettas fugir comigo: tudo está disposto, a minha carruagem ahí está á tua porta. Partamos.

XAVIER.

Partir.... E Estella?

MARQUEZA, *levantando-se.*

Estella! ah, esquecia-me....

XAVIER.

Que a esqueça sempre. Diga-me, senhora, V. Ex.^a que acabava de dizer que me ama, no que não posso crêr....

MARQUEZA:

Não podes crêr? não me viste a teus pés, a mim, mulher orgulhosa e altaneira; que prova queres de mim?

XAVIER.

Uma prova? pois bem, não torne a vêr Estella.

MARQUEZA.

Sempre ella! tu não temes, insensato, excitar todo o meu odio? se enfraquecí no momento de cumprir uma vingança terrivel, crês que eu possa supportar uma fraquesa que me faz corar? Sou uma inimiga terrivel....

XAVIER.

Quando acabo de affrontar o odio dos homens, devo temer o odio de uma mulher?!

MARQUEZA.

O odio de uma mulher! Ah, sim! o que póde uma mulher contra os ultrages dos homens? Pobres mulheres, trahem-vos, desprezão-vos; soffrer, gemer, chorar, são estas as tuas armas, são estes os teus instrumentos de vingança; assassinao-te de joelhos ante o carrasco. Mas é que tu não sabes que ha mulheres, cujas almas poderosas para

o amor, são também poderosas para o odio, —é que tu não sabes que essas mulheres feridas no coração sabem também achar o lugar mais doloroso para ferir, e com sangue frio abrem uma ferida, cicatrizando a sua. Homem orgulhoso, tu vâs saber o que póde o odio de uma mulher!

XAVIER.

Se as palavras de V. Ex.^a não me commoveram, o que espera de suas ameaças?

MARQUEZA.

Quero que partilhes dos tormentos que ora experimento, quero arrancar-te essa calma que me mata. Não quero soffrer só, soffrêremos todos trez. Pede a Deus remissão dos teus peccados, a tua morte está proxima. Dentro em pouco serás preso, e irás soffrer as agônias da masmorra, e depois a morte.

XAVIER.

Espero-a com paciencia!

MARQUEZA.

Sim, eu sei que a morte que o espera longe de envergonhal-o, exalta-o; que as palavras de martyr da liberdade, transformão o cada-falso n'um altar glorioso; sei que lançando os

olhos no povo, lhe dirás com orgulho e altivez: admira-me, é por ti que eu morro.

XAVIER.

Sim, essa morte é cheia de glórias. Martyres da liberdade, cahi com orgulho; teu sangue que do alto do cadafalso salpica a multidão, enriquece um terreno fértil, e para um homem que morre, quantos vão nascer.

MARQUEZA.

Essa morte é cheia de glórias! agradece-m'a, é a mim que tu a deves. Mas, no meio desse entusiasmo, tu verás de um lado uma mulher, em cujo rosto lerás tal expressão de doçura e calma, que contemplando-te terá a alma submissa em um pelago de delicias, sentindo um prazer, até então desconhecido. Do outro lado verás um semblante ideal de virgem, com o corpo gracioso e aerio, com os contornos puros e delicados, com aquelle perfume delicioso da innocencia enroscar-se tremula e anciosa, martyr da sua dôr. Pouco a pouco irá vencendo a dôr, olha-te estatica com o seu trajo branco, que a faz ainda mais bella e casta. Apoiará a cabeça sobre o seu braço, a côr negra de seus ricados cabellos fará sobresahir a alvura de sua mão, que sahirá graciosamente por entre os cachos. Adianta-se á proporção que o carrasco sóbe á forca, apoia-se com tal languidez e com tanto aban-

do, e será tanta a sua formosura, que julgarei vêr nella a estatua de uma deosa da antiguidade pagã, descansando em seu carro de ouro, e ufana de seu poderio. Seus olhos tomão um olhar confuso e desvairado, e tu de baixo da influencia magnetica d'aquelle olhar darás o ultimo suspiro chorando a vida que tanto prezas. Ouve-se um grito de dôr, é que a tua cabeça cahio; e uma virgem de vestes brancas atravessará louca as ruas da cidade, aos sarcasmos da populaça.

XAVIER.

Oh, mulher deshumana, não te basta a minha morte?

MARQUEZA.

Não é verdade, que é uma vingança hem doce? quando eu lhe contar o teu supplicio, quando eu lhe disser que ella mesma apressou a tua perda, como se morderá chamando pela morte, e a morte será lenta em vir, porque ella conta apenas desoito annos.

XAVIER.

Oh! não, não serás cruel para a minha pobre Estella! Piedade, piedade para ella!

MARQUEZA.

Piedade para ella? e tiveste-a para mim?

XAVIER.

Marqueza, pois bem! eu t'ó confesso, fui culpado para contigo, mas não vae a minha morte expiar minhas offensas? Não te basta todo meu sangue: toma este punhal, crava-m'ó tu mesma: mas em nome do céo, poupa essa pobre orphã.

MARQUEZA.

De joelhos?! tu bem vês que o homem póde curvar-se ao odio e á vingança de uma mulher. Mas não sei o que o céo poz em ti, quando te encaro, eu córo; é uma cobardia, mas não tenho forças de consentir em tua morte. Não ouves? são elles que chegão....

XAVIER.

E Estella! Estella!

MARQUEZA.

Sempre ella! Ah, eu me vingarei!

SCENA VII.

OS MESMOS, O VISCONDE, SILVERIO DOS REIS,
E FREIRE E ANDRADE.

MARQUEZA, *entregando a carteira ao Visconde.*

Perdoae-me, meu Deus! elle assim o quiz.
(*Sahe precipitada.*)

SCENA VIII.

XAVIER DA SILVA, O VISCONDE, SILVERIO]
DOS REIS, FREIRE E ANDRADE,
E DEPOIS ESTELLA.

VISCONDE, *examinando a carteira.*

Muito bem ! Snr. Xavier da Silva, reconhece estes papeis como seus ?

XAVIER.

Sim, senhor Visconde.

VISCONDE.

Um sentimento religioso aqui me obriga a aconselhal-o a renuncia d'essas malfadadas ideias: uma explicação em praça publica, a sua presença em palacio, aos pés do homem do poder, talvez frustrassem a morte desastrosa que o espera.

XAVIER.

V. Ex.^a, senhor Visconde, julga-me uma criança que se calla em troca de uma promessa qualquer. Respeite, senhor, as gallas do seu fardão, como eu respeito as gallas dos meus sentimentos. A liberdade, senhor, não é para aquelle que combate por ella, é para os seus vindouros. Que gloria quan-

do estes disserem, por aqui passando: aqui enraiou-se uma civilização grandiosa, bella e brilhante.

VISCONDE.

Embalde cahem os thrônos, ensanguentão-se as cidades e sobem ao poder as desenfreadas revoluções; em vão nos dizem os successos contemporaneos que as obras dos homens são ephemeras, em vão, tudo em vão!

XAVIER.

E é em vão que apparecem homens que sacrificariam sua vida levantando dos abysmos da corrupção e da mentira uma sociedade que se derruba de dia em dia? Gonzaga, Alvarenga....

VISCONDE.

Loucos, que se deixão arrastar por glorias de uma causa ephemera e ficticia....

XAVIER.

Ephemera e ficticia, quando a vi nascer á minha vista, quando a vi crescer e robustecer-se, e que eu podia com fidelidade traçar a sua historia? A organização social e politica que acompanha V. Ex.^a, é que é defeituosa e detestavel: privilegios feudaes repugnantes, administração miseravel, systema economico erroneo e despotismo caprichoso offendem a im-

ginação dos homens amantes de sua patria; e obriga-os a desejar suppressão dos abusos e um governo mais illustrado.

VISCONDE.

Calla o particular para fallar o juiz. Freire e Andrade este homem te pertence: tu por elle me responderás, e amanhã aos tribunaes.

ANDRADE.

Submissão cega.

XAVIER.

Uma palavra, Snr. Visconde; uma unica: não é para mim, que bem sei a sorte que me espera. Roubaram-me esses papeis, e serviram-se para isso de uma innocente menina, que vive com uma mulher infamante e cercada de inimigos, de seductores. Essa menina, ousou recommendar-vol-a. (*Vae buscar Estella*).

VISCONDE.

Ella foi educada por uma senhora que tem direito a reclamal-a.

XAVIER.

Mas essa senhora....

SILVERIO.

Rogas em vão, este homem é inflexível.

VISCONDE.

Silverio dos Reis, conduz a esta senhora á casa da Marqueza.

ESTELLA.

O que pretende, senhor?! Meu amigo, salva-me!

XAVIER.

Estella, o unico pezar que levo á sepultura, é o de não te poder salvar.

ESTELLA.

Morrer, tu?! Oh, não, nada temo. Snr. Visconde, eu o reconheço, foi V. Ex.^a quem me aconselhou de tirar a carteira, jurando-me salvá-lo. Eu cumpri a minha promessa, cumpra agora a sua, salvando-o. Vae salvá-lo não é assim? Não responde? Oh, desgraçada de mim que acreditei na sinceridade de suas palavras, na bondade de seus olhares. Eu me lembro, sim, V. Ex.^a jurou por sua honra... salve-o, senhor, ou V. Ex.^a é um homem sem pudor, sem honra.

VISCONDE.

Conduza o prisioneiro.

ESTELLA.

Para onde?

PAULA FREIRE.

Com licença, minha senhora....

ESTELLA *empurrando Freire e Andrade.*

Affasta-te, miseravel, que eu quero abraçá-lo.

XAVIER.

Estella! Adeus, minha Estella!....

SCENA IX.

O VISCONDE, ESTELLA E SILVERIO DOS REIS.

ESTELLA, *ao Visconde.*

V. Ex.^a, senhor Visconde, é um infame, é um homem sem pudôr, sem dignidade.

VISCONDE, *ameaçando-a.*

Senhora!

ESTELLA.

Iludio-me, a mim, pobre moça sem experiencia....

VISCONDE.

Não a illudi, senhora: os meios de salvação
não estão ainda esgotados.

ESTELLA.

Ah! falle, falle. . . .

VISCONDE.

Vá ao palacio, e peça ao Governador uma
justificação para Xavier da Silva: elle póde
ainda salvá-lo.

ESTELLA.

Obrigada, obrigada. (*Sake correndo*).

SCENA X.

O VISCONDE E SILVERIO DOS REIS.

SILVERIO, *aparte*.

Agora nós, senhor Visconde.

VISCONDE.

O senhor Silverio dos Reis que se cobra
com as vestes de denunciador em troca de uma
conferencia, de uma simples conferencia, e
me tem ás suas ordens.

SILVERIO.

Snr. Visconde, ha muito tempo não nos vemos de tão perto. Não obstante assim devia acontecer um dia, um como carrasco, outro como victima. Uma denuncia em troca de uma conferencia com o Visconde, é realmente admiravel.

VISCONDE.

Não o comprehendo.

SILVERIO.

Não admira. Ha deoito annos a nossa vida foi bem differente: V. Ex.^a rico, poderoso, cheio de honras na senda gloriosa que se lhe antolhava; eu, obscuro, pobre, um miseravel militar no caminho do futuro. Hoje, está V. Ex.^a gozando honras de principe, reunido á mais alta nobresa de ambos os reinos, podendo com uma só palavra fazer cahir a minha cabeça por terra, podendo matar-me, a mim que o odeio tanto quanto a minha presença recorda um remorso.

VISCONDE.

Homem mysterioso, se te concedi a dignidade de uma conferencia pelo alto preço de uma denuncia, foi porque me prometteste uma revelação.

SILVERIO.

Uma revelação!

VISCONDE.

O tempo urge....

SILVERIO.

Um instante, nobre Visconde. Sabe V. Ex.^a, apesar do seu poderio, qual de nós ambos é n'este momento a victima?

VISCONDE.

Ameaças!

SILVERIO.

O que póde V. Ex.^a temer das minhas ameaças?

VISCONDE.

Nada.

SILVERIO.

Então! Quero semente lembrar aquelle dia em que, junto a meu pay que exhalava o ultimo suspiro, entreguei a V. Ex.^a uma menina que eu amava....

VISCONDE.

Senhor!

SILVERIO.

Quando fui, depois de ter fechado os olhos de meu pay, procurar nos braços de um amigo, e de uma esposa o lenitivo para as minhas dôres, já não encontrei nem amigo, nem esposa. Então, compungido pela dôr, perdi toda a energia; retirei-me do mundo cheio de luto e traição. Chorei durante cinco annos aquelles que me trahiram, quando um dia, como um balsamo consolador para as minhas feridas, recebi uma carta; essa carta era d'ella Snr. Visconde.

VISCONDE.

D'ella!

SILVERIO.

Essa carta, escripta por uma mão moribunda, dizia que só V. Ex.^a a havia trahido, perdido, e que morria perdoando-o....

VISCONDE.

Silencio!

SILVERIO.

Vi então que tinha duas victimas a vingar, e voltei ao mundo onde a minha vida só tinha um fim. A sêde de vingança seccou em meu coração uma dôr esteril, e restituiu á minha alma toda sua energia, e tornou-se o pensamento de todos os dias, o sonho de todas as noites. Estava V. Ex.^a no auge de seu poder,

e vendo eu que a ambição era a alma de sua existencia, abracei a bandeira dos conspiradores para combattel-a. . . .

VISCONDE.

Estou ainda em pé, máo grado teu.

SILVERIO.

Um instante, Snr. Visconde, e V. Ex.^a rolará a meus pés.

VISCONDE.

Insensato!

SILVERIO.

Dentro em pouco V. Ex.^a me quebrará os ferros, implorando que accete a liberdade que me offerece.

VISCONDE.

Louco! morrerás com os demais. . . .

SILVERIO.

Condescenda. Snr. Visconde. . . .

VISCONDE.

Nunca!

SILVERIO.

E se eu lhe fallasse em sua filha?

VISCONDE.

Em minha filha?!

SILVERIO.

Sim, esse fructo de um amor indigno, d'essa Marqueza a quem V. Ex.^a cobria de ouro quando uma pobre moça morria abandonada, victima do seu crime. Essa menina, essa pobre filha bastarda....

VISCONDE.

Existe ainda?

SILVERIO.

Existe, Sar. Visconde.

VISCONDE.

Existe! minha filha existe!

SILVERIO.

E' bella como os anjos, cheia de talento e de amor.

VISCONDE.

Dá-me minha filha, oh, dá-m'a.

SILVERIO.

Restituil-a-hei debaixo de uma condição.

VISCONDE.

Qual?

SILVERIO.

A minha liberdade, e a morte de Xavier da Silva.

VISCONDE.

A morte de Xavier da Silva! Não és seu amigo?!

SILVERIO.

Não! elle usurpa um lugar que me pertence.

VISCONDE.

Pois bem, elle morrerá. O que mais?

SILVERIO.

O que mais?

VISCONDE.

Queres toda minha fortuna, ahí a tens! minha vida, toma-a, mas não me prolongues este supplicio. Minha filha. . . .

SILVERIO.

Quando já começava a sorrir, quando eu via n'ella uma victima, uma boa victima. . . .

VISCONDE.

Meu Deus!

SILVERIO.

Julguei pô-la ao abrigo de todo o perigo, confiando-a á Marqueza.

VISCONDE.

A sua mãy!

SILVERIO.

Sim, a sua mãy, que a tem insultado e vilependiado, que esteve prestes a vendel-a. . . .

VISCONDE.

Pobre Estella!

SILVERIO.

Estella, que ainda ha pouco pedia a V. Ex.^a o perdão do seu amante. O coração de V. Ex.^a não se commoven felizmente, e V. Ex.^a ficou surdo ás suas supplicas; mas, cuidado, Snr. Visconde, esse perdão Estella foi obtel-o. . . .

VISCONDE.

Onde?

SILVERIO.

Aos pés do Governador Cunha e Menezes!

VISCONDE.

Ah!

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

O CADAVALSO.

O theatro representa uma sala ricamente mobiliada em casa da Marqueza, no Rio de Janeiro. A' direita, um divan e uma meza redonda; em cima da meza um copo, um calix n'um prato e uma caixinha; do mesmo lado, no bastidor, uma imagem. A' esquerda, uma o'tomana.

SCENA I.

A MARQUEZA E MINELVINA.

(A Marqueza está sentada no divan, em silencio e cabisbaixa. Minelvina olha-a com inquietação).

MINELVINA.

Senhora Marqueza?

MARQUEZA.

Já não te disse eu que queria estar só?
Para que hasde ser importuna. . . .

MINELVINA.

Perdoe-me, V. Ex.^a, mas sua pallidez indica....

MARQUEZA.

O que te importa a minha pallidez? Queres ler em meu semblante os martyrios do meu coração? pensas que não me queixo para ser lastimada!

MINELVINA.

Senhora Marqueza, eu não mereço essa linguagem aspera e frisante....

MARQUEZA.

Então porque te obstinas em ficar quando tantas vezes tenho dito que quero estar só. Achas prazer em vêr-me soffrer, não é assim? Olha-me, olha-me, estou pallida, não é verdade? Aperta esta mão, treme, não é verdade? Dê-me a tua mão, põe-a sobre o meu seio; arde, não é assim? meu coração palpita apressado, não é? Bem o vês, eu soffro, soffro dôres de morte. Quero estar só, quero soffrer só. Porque me olhas assim? Tu choras; ah! causa-te pena. Sou indigna de commiseração e de lagrymas! quero estar só, sahe.... sahe....

MINELVINA.

Permitta que eu fique, senhora, eu, a sua boa amiga....

MARQUEZA.

Minha amiga?! Sim, pobre menina, tua amizade é sincera, e é de ti que eu quero fugir. Oh! é horrivel a minha sorte, objecto de desprezo para aquelle mesmo a quem estimo, objecto de lagrymas para aquelles que me estimão.

MINELVINA.

Senhora Marqueza, V. Ex.^a que tantas vezes partilhou as minhas magoas....

MARQUEZA.

E' que fui uma louca, uma leviana; n'esse tempo eu era sensivel, tinha no coração lagrymas para as desgraças de outrem. Hoje não as tenho para as minhas. Aquelle a quem tanto amo, vac morrer; fui eu quem causou a sua morte. Minelvina, tu não podes comprehender todo o horror do meu crime. Ah! bem vês, minha filha, eu preciso estar só, quero pensar n'elle. (*Minelvina sahe*).

SCENA II.

MARQUEZA, só.

Sim, é mais que certo: a sua morte é imperdoavel, e eu—com todos os meus adoradores—não posso arrancar o barão do pescoço da victima! Ah! satisfiz uma sêde ardente de vingança que me consumia! Xavier da Silva vai morrer, elle a quem tanto amo, a quem tanto adoro. . . mas escarneceu de mim, trahio-me,—recusou receber de minhas mãos a vida, a propria vida, correspondeo ao meu amor com odio e desprezo! e eu chore. . . . Insensato, tu me estás vingando. Animo. . . . não é a vingança um prazer? Estelia, onde estará essa menina? Quero que me siga ao lugar do espectaculo; se elle a não vir, delirante, desgrenhada, subirá a forcea com calma, com frieza, com o cacareo nos labios, e só eu soffreria, a minha vingança recahiria sobre mim para esmagar-me, para matar-me o coração! Não ha de ser assim. Como sou cobarde e deshumana. Quem se mata matando o inimigo não é cobarde, e demais que farei no mundo sem elle para legitimar o meu odio com os seus sarcasmos, minha vingança com o seu desprezo?! Sim, elle morto eu não poderei sobreviver. Devo morrer hoje mesmo; amanhã, do alto do cadafalso talvez, saberá que assim procedi, e então em vez do escarneço, talvez me guarde uma supplica, talvez esgote a última lagryma em memoria da pobre

Maria. A morte em troca de uma lagryma sua. (*Parece meditar, toma de repente a caixinha de sobre a meza e abre-a*). Sim, este é o melhor meio, os seus effeitos são rapidos: a dôr é grande, mas repentina: Eu não temo a dôr. (*Tira um vidrinho da caixinha, põe n'um calix, leva á bocca e bebe o liquido que elle continha*). Ah! Este vidro, é um antidoto, contem a quantidade necessaria para salvar-me.... Vou quebral-o, temo no meio das dôres buscar a vida que me foge. (*Vae quebral-o, entra Silverio dos Reis. A Marqueza põe o vidro do antidoto sobre a meza*).

SCENA III.

MARQUEZA, E SILVERIO DOS REIS.

MARQUEZA.

O senhor aqui, e livre! Os papeis que entreguei á policia compromettião-n'o também. Falle, agora tambem....

SILVERIO.

Xavier da Silva? imprudente... .

MARQUEZA.

Como pôde, senhor... .

SILVERIO.

Sou por ventura o primeiro conjurado que passava impune aos olhos da policia; não se tem visto tantos outros que, longe de partilharem a sorte dos seus companheiros, acabão por chegar ao poder, perseguindo-os? Não é um facto virgem, um caso extraordinario,—pergunte-o aos nossos homens de Estado.

MARQUEZA.

E para Xavier da Silva nem mais uma esperança?!

SILVERIO.

O remorso, senhora Marqueza!

MARQUEZA.

Horror! sou uma miseravel! Quando elle vivia, o desprezo, o escarneo, o odio me despedaçavão as entranhas; morto....

SILVERIO.

E se elle não morresse?!

MARQUEZA.

Se elle não morresse . . .

SILVERIO.

Se alguém estivesse obtendo o seu perdão, alguém que V. Ex.^a conhece, Estella!

MARQUEZA.

Estella! Sim, Estella desapareceu, fugiu, foi lançar-se aos pés do Visconde, do Governador talvez; e hade achar em seu amor palavras eloquentes, lagrymas ardentes que fação palpitar o coração de piedade.

SILVERIO.

Bem vê, senhora Marqueza, que a morte de Xavier da Silva é ainda dubia.

MARQUEZA.

Sim, salvo por ella, viverá para ella, viverá para odiar-me, para odiar-me com um odio duplo, a mim, que tentei matal-o, por amal-o demasiado.

SILVERIO.

Sim, mas se o seu perdão contém a sua infamia, a deshonra de Estella...?

MARQUEZA.

Como seria doce a minha vingança.

SILVERIO.

Agradece-me, mulher, sou eu quem te vinga.

MARQUEZA.

Que diz, senhor! Estará acaso devorado pelo ciúme, e, como eu, queira saciar-se na vingança.

SILVERIO.

Essa menina, senhora Marqueza, já não é uma rival, é uma victima. Diga-me, senhora Marqueza, V. Ex.^a nunca sentio no fundo de sua alma um minimo de piedade para aquella que educou como filha?

MARQUEZA.

Não vê que foi elle quem me pôz n'este estado?

SILVERIO.

Senhora Marqueza, V. Ex.^a deve-me muitos serviços, não é assim? Hoje mesmo quero a minha recompensa.

MARQUEZA.

Hoje?

SILVERIO.

Exijo de V. Ex.^a a morte de Xavier Silva.

MARQUEZA.

Explica-te....

SILVERIO.

A explicação não se fará esperar....

SCENA IV.

OS MESMOS, XAVIER DA SILVA,
E FREIRE E ANDRADE.

(Xavier da Silva entra pallido, cadaverico, vestido com uma blusa de algodão e calças do mesmo panno e muito largas; tem os pés nus e as mãos algemadas com uma corrente de ferro).

MARQUEZA, vendo-o.

Al! *(Recua atemorizada).*

XAVIER.

Já me teme, senhora Marqueza? Foi o remorso quem fallou, ou o aspecto d'este traje?

MARQUEZA.

Perdão!

XAVIER.

Bem vê que se enganava quando pensou que eu expiaria o meu crime com cobardia e

fraqueza,—nunca—mais do que hoje—estive com tanta presença de espirito e com tanto sangue frio. E V. Ex.^a senhora Marqueza, de que lhe serve a nobreza, se ella e todo o seu ouro não comprão hoje o socego do mais mesquinho operario?

MARQUEZA.

Piedade!

XAVIER.

Piedade? tem-n'a V. Ex.^a? Anathêma sobre toda a tua descendencia, anathêma....

SILVERIO.

Xavier da Silva, lembra-te que váis dar a tua alma a Deus....

XAVIER.

Affasta-te, miseravel denunciador! não manches estas vestes com a tua ascorosa e peçonhenta baba: ellas cobrem o assassino, nunca o traidor.

SILVERIO.

Sim, eu sou um traidor, o amor da liberdade fez-me esquecer os meus deveres....

XAVIER.

A infamia é que te fez esquecer-os....

ANDRADE.

Snr. o tempo urge:— não tarda a chamada.

XAVIER.

Senhora Marqueza, peça a Deus que lhe perdôe como eu lhe perdôo. Dê a Estella este beijo (*beija-a*) na testa, e diga-lhe que morri, pronunciando o seu nome: são estas as minhas unicas vontades. (*A Silverio dos Reis*). O captivoiro, Silverio dos Reis, acompanha-nos desde nossos avós, amanhã estenderás o risonho estandarte da patria para passarem os cavallos dos tyrannos, se assim acontecer todo o meu odio sobre ti, se, porem, exerceres com honradez o emprego que te fez denunciador eu tambem te perdôo a minha morte em nome do céo, em nome da liberdade, pela qual me sacrifico. A ambição fez-te derramar o meu sangue, que a ambição te faça d'elle vingador: o sangue pede sangue.

(*Ouve-se o toque compassado de uma campã*).

FREIRE.

E' a chamada. Vamos.

XAVIER.

Ah! sinto-me fraco, começo a ter medo....
Eu não sou cobarde! meus companheiros vi-

rão-me muitas vezes diante do inimigo, sabem que sempre fui digno do uniforme que trazia; mas não sei o que me diz o coração, meus deus! Eu, acobardado, eu, que nunca fechei os olhos, que nunca abaixei a cabeça, e que, quando empunhei a espada, não recuei um só passo, e saí sempre victorioso em meus combates. Procurem o homem mais valente, o mais intrepido, ponhão em meu lugar, vel-o-hão acobardado como eu.

SILVERIO.

Xavier da Silva, coragem!

XAVIER.

Têm um exemplo a dar, uma vingança a satisfazer, eu me submetto a essa justiça, mas a morte que me espera é horrivel, é indigna do homem que vai morrer pela liberdade, para o homem que tem uma mãe, sobre quem vai recahir essa mancha.

MARQUEZA.

Ah! principia agora a minha vingança!

XAVIER.

Mulher desapietada!

MARQUEZA.
Cobarde!

XAVIER.

Cobarde?! (*Animando-se*). Vamos.

SCENA V.

OS MESMOS, E ESTELLA

ESTELLA, *precipitada*.

Ah, eu suffoco, eu suffoco!

XAVIER.

Estella!

MARQUEZA.

Ella!

ESTELLA.

Ah, és tu.... (*Vae abraçal-o e pára como louca*). Oh! é horrivel, é horrivel o que estou vendo.... Dize, dize que é mentira, que eu estou louca....

XAVIER.

Tu vês a realidade, Estella!

ESTELLA, *desmaiando*.

Ah!

XAVIER.

Aqui está porque me acobardo, senhora
Marqueza.

MARQUEZA.

E' minha victima tambem.

XAVIER.

Mulher sem coração!

XAVIER.

Estella, adeus. (*Beija-a e vae até a porta*).
Adeus! (*Sahe acompanhado de Freire e An-
drade e Silverio dos Reis*).

SCENA VI.

MARQUEZA E ESTELLA.

MARQUEZA.

Estella!

ESTELLA.

Ah! Onde está elle.... onde está? (*Vendo
do a Marqueza*) Esta mulher.... tirem-me
d'aqui, tirem-me d'aqui....

MARQUEZA.

Então, minha filha, o que tens?

ESTELLA.

Ainda o pergunta. . . .

MARQUEZA.

Tu o salvaste, não é assim?

ESTELLA.

Alcancei retardar a sua morte, ha ainda uma esperança, uma unica. . . .

MARQUEZA.

Que mais tarde alcançarás, não é assim?

ESTELLA.

Assim m'o prometteram. . . .

MARQUEZA.

Salvar o seu amante, que triumpho para uma mulher! é para morrer de alegria, é muita felicidade.

ESTELLA.

E' uma felicidade inaudita. . . . Mas eu devo levar á praça a ordem de suspensão. . . . vou n'este instante. . . .

MARQUEZA.

E' cedo ainda, elles não podem tardar, não te encommodes, não te fatigues. Oh! hasde ser muito feliz! com que prazer não te hade elle apertar no seio, com que alegria não te chamará seu anjo salvador.... Ah!

ESTELLA.

Nunca é cedo quando se trata de salvar-se um amante. Eu soffro, eu soffro muito.... (*Vae levantar-se e calhe*). Ah! que as forças me faltam. ...

MARQUEZA.

Estás muito fraca, minha filha, espera um pouco....

ESTELLA.

Dê-me um copo com agôa, e ficarei animada....

MARQUEZA.

Ah! Continua a minha vingança.

(*Estella estende o braço e toma o copo em que a Marqueza derramou o veneno; esta faz um movimento de horror, hesita, ri de escarneo, e dá o copo a Estella*).

ESTELLA, *bebendo.*

Eu tinha sede.

MARQUEZA.

Agora, Estella, oremos ao Supremo Criador pela vida de Xavier da Silva.

ESTELLA.

Sim, oremos por elle.

(Ajoelhão-se. Silverio dos Reis abre mansamente a porta e vae collocar-se junto á Marqueza).

SCENA VII.

OS MESMOS, E SILVERIO DOS REIS.

(Fullão em meia voz).

SILVERIO.

Marqueza!

MARQUEZA.

Senhor! todas as providencias baldadas, todas as medidas mal tomadas....

SILVERIO.

V. Ex.^a mente.

MARQUEZA.

Tu é que mentiste.

SILVERIO.

Então, a minha vingança. . . .

MARQUEZA.

Baqueou ; a minha continua : olha-a, como está empallidecendo. . . .

SILVERIO.

E nem mais uma esperança na morte de Xavier da Silva?

MARQUEZA.

Uma unica.

SILVERIO.

Qual?

MARQUEZA, *mostrando o copo.*

Esta.

SILVERIO.

Mas elles não tardão ahi, sabem todos que a morte de Xavier da Silva foi revogada e só esperão o documento que ella tem.

MARQUEZA.

Que venhão,—assistirão ao seu ultimo suspiro.

SILVERIO.

Marqueza, eu t'o agradeço mil vezes, V. Ex.^a, vingando-se, vingou-nos a todos.

MARQUEZA.

Como!

SILVERIO.

Vingou-me a mim, porque Estella é filha de V. Ex.^a

MARQUEZA.

Minha filha?

SILVERIO.

E do Visconde tambem.

MARQUEZA.

Sua mãy, eu?!

SILVERIO, *comprimentando-a.*

Senhora Marqueza. . . .

SCENA VIII.

ESTELLA, MARQUEZA E MINELVINA.

(A's ultimas palavras de Silverio dos Reis, Estella volta-se como ferida de uma ideia).

MARQUEZA, *fica estatica e muda, faz de repente um movimento como para lançar-se nos braços de Estella.*

Minha filha! Oh, elle mentio! sim, mentio! mas a sua idade, não conheceu seus pays! meu Deus, meu Deus, é possivel que ella seja minha filha!

MINELVINA.

Senhora, uma carta do Sr. Visconde.

MARQUEZA.

Dá-m'a, dá-m'a. *(Lê:)* «Senhora, restituio-nos Deus a nossa filha!» Ah, maldição! «Como me considero feliz! ha tanto tempo que nos foi roubada!» Sim, já não ha duvida alguma, é minha filha! e eu não o advinhei! minha filha.... Oh, não ouse abraçal-a.

ESTELLA.

Já me sinto com forças para andar.... eu vou....

MARQUEZA.

Estella! Estella! como estás pallida, minha filha. Soffres muito, não é assim?

ESTELLA.

Sim, uma inquietação mortal, umas dôres pelo seio....

MARQUEZA, *comsigo*.

Oh, não, não. Como sou miseravel! ella não hade morrer, é minha filha, é meu sangue! Posso ainda salvar-a.... Ah, esquecia-me que não tinha quebrado este vidro.... é um antidoto. Ambas ficaremos salvas, mas não, aqui só está uma dose, uma das duas hade morrer.... que m'importa, é minha filha. (*A Estella*). Estella.... toma, minha filha, este calmante não te póde fazer mal, antes pelo contrario....

ESTELLA.

Não, senhora Marqueza, não acceito.

MARQUEZA,

Estás encommodada, é necessario que te cuides.... Eu sou uma mulher amaldiçoada pelo céo! Estella!

ESTELLA.

Eu nada tenho, senhora... preciso mesmo salvar o meu amante, não me posso demorar....

MARQUEZA.

Estella, eu t'ó peço, em nome de tua mãy.

ESTELLA.

De minha mãy!

MARQUEZA.

Sim, de tua mãy, que eu conheço, que t'ó posso restituir.

ESTELLA.

Oh! senhora, em nome de Deus, não augmente os meus martyrios zombando de um nome tão sagrado.

MARQUEZA.

Estella!

ESTELLA.

Não profane com os seus labios o nome de minha mãy, a sua memoria talvez...

MARQUEZA.

Tua mãy vive ainda, Estella, eu t'ó juu

ESTELLA.

Minha mãy vive ainda? Oh, falle, falle! minha mãy....?

MARQUEZA.

Tudo direi, porem antes, bebe, eu t'ò supplico em nome de tua mãy!

ESTELLA.

Em nome de minha mãy? dê-me, senhora, dê-me.... (*Bebe*).

MARQUEZA.

Salva.... salva.... minha filha.... salvei minha filha! Ah! Estella, tu vês bem em minhas lagrymas que eu sou tua mãy!

ESTELLA.

Ella, minha mãy?

MARQUEZA.

Estella, por piedade, vem a meus braços, quero sentir o calor de teus beijos.... vem, minha filha, unica semmente quando se está moribundo.

ESTELLA.

Minha mãy, moribunda?! Ah!

MARQUEZA.

Foi um crime horrivel que me obrigou a commetter esse miseravel ambicioso, Silverio dos Reis; porem Deus é justo, o crime só recae sobre mim: eu te salvei, e agora morro por tua causa, minha filha.

ESTELLA.

Tu não morrerás, minha mãy! Soccorro!
Soccorro!

MARQUEZA.

Embalde clamas soccorro.... já sinto o inferno nas entranhas.

SCENA IX.

OS MESMOS, VISCONDE, SILVERIO DOS REIS,
MINELVINA E FREIRE E ANDRADE.

SILVERIO.

Visconde, abrace sua filha.

ESTELLA.

Soccorro, soccorro, minha mãy morre!

VISCONDE.

Minha filha!

ESTELLA.

Meu pay!

MARQUEZA, *agonisando*.

Visconde, salvei a nossa filha....

SILVERIO.

Salva!

MARQUEZA.

Minha filha, sê feliz....dize a Xavier da Silva que eu morri, pedindo-lhe perdão.

ESTELLA.

Onde está elle, meu pay?!

VISCONDE.

Xavier da Silva? (*Ouve-se o toque de uma campá*). Ora a Deus, minha filha, que expirou o primeiro martyr da liberdade brasileira.

ESTELLA, *cahindo-lhe nos braços*.

Meu pay, como sou desgraçada!

SILVERIO.

Visconde, expirou a tua segunda victima, ainda um dia nos encontraremos.

Visconde de Freire e Andrada.

Em nome de lei prendo aquelle homem.

SILVEIRO.

Em nome do Governador, detenha-se.

(Freire e Andrada recua e o panno cahe.
Quadro final).